



**SEGREDO SALVA
PEDRO GRILO?**

AI MEU RICO FILHO!

■ O homem da foto chora a recaptura do seu filho Joaquim Madeira, um dos companheiros de fuga do skinhead Pedro Grilo, cuja tia se prepara para revelar um segredo que pode pôr em causa todo o processo. Por ironia do destino, ela é militante do PSR.

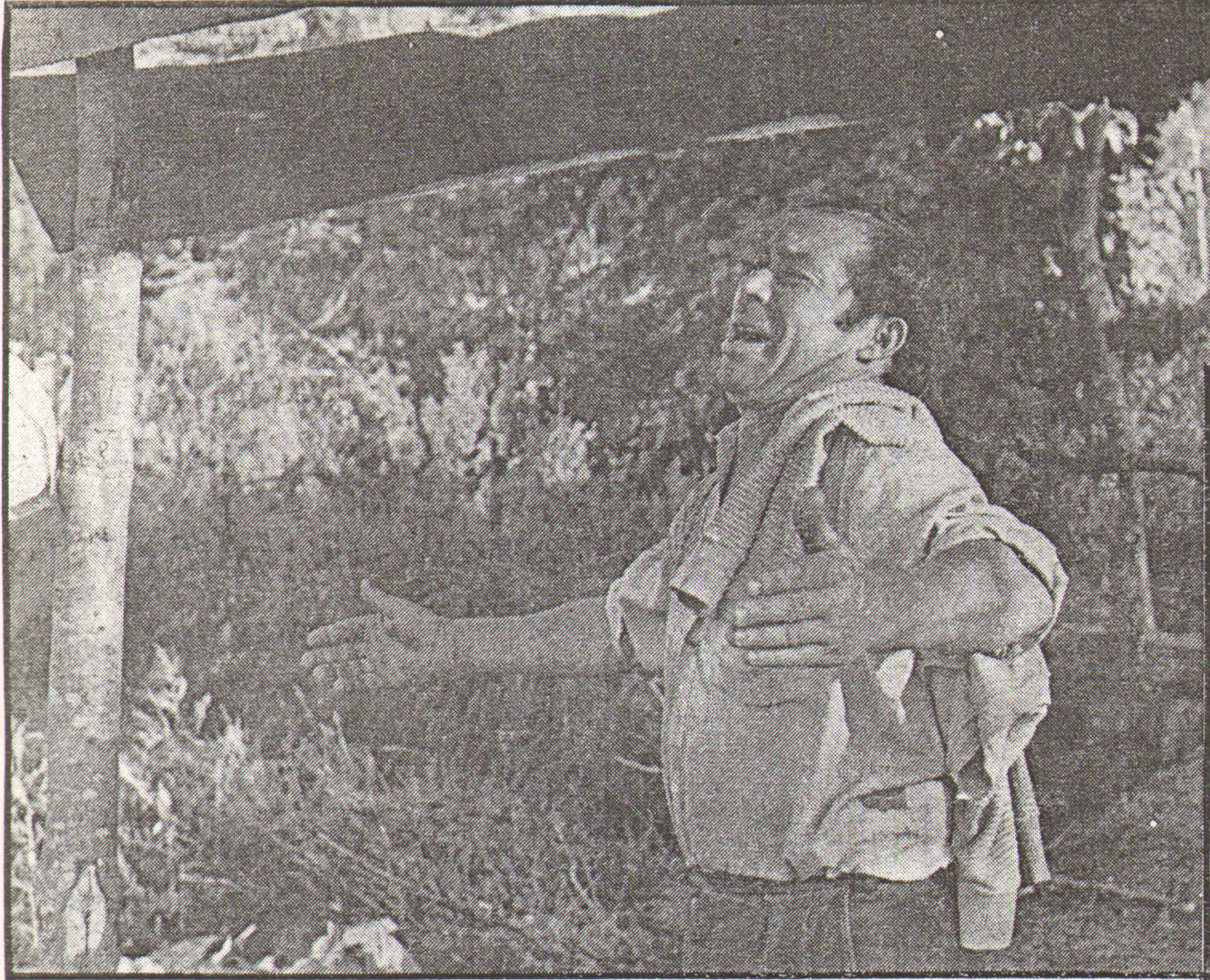
■ PÁGINAS 4 e 5

osicom
computers *made in USA*
OSICOM
*para si
que exige alta
performance*
TRIBUS

IRS ESTÁ ATRASADO

■ Você só vai pagar depois das eleições

■ PÁGINA 3



Joaquim Madeira, o suposto «cérebro» da espectacular fuga do Linhó, já tinha prometido ao pai (na foto de cima) entregar-se às autoridades. Mas a PJ não lhe deu tempo — e surpreendeu-o no seu esconderijo (ao lado), em Póvoa da Apegada.



O FILHO DELE JÁ FOI APANHADO



Joaquim Madeira: o primeiro a ser capturado

O QUIM IA ENTREGAR-SE

NÃO ofereceu resistência. Esboçou uma fuga ténue, mas parou logo que ouviu o primeiro e único tiro disparado, «à cautela», por um elemento da PJ. Se a polícia tivesse chegado duas horas mais tarde, já não encontraria na cabana da Póvoa da Apegada, a dois quilómetros de Beijós, no distrito de Viseu, um dos três mais célebres foragidos dos últimos anos. Pressionado pelo pai e pela madrinha de baptismo, Joaquim Madeira preparava já a sua apresentação no posto da GNR de Carregal do Sal. Mas não lhe deram tempo. O jovem era apontado como o cabecilha da fuga que envolveu outros dois reclusos da cadeia do Linhó, nos arredores de Sintra. No passado dia 22 de Agosto, Joaquim Madeira, Carlos Braga e Pedro Grilo «apanharam boleia» na carrinha dos serviços prisionais que cumpriria a rotina semanal de levar roupa suja à prisão de Tires.

Madeira seguia na cabine da carrinha ao lado do motorista. Gozava do estatuto de preso de confiança. Já tinha cumprido 8 dos 19 anos de cadeia por ter morto um taxista à machadada, quando ainda lhe faltavam dois anos para atingir a maioridade. Nos últimos meses tinha beneficiado de várias licenças precárias, que aproveitou para visitar a mãe, em Degolada, perto de Campo Maior.

Na madrugada de quinta para sexta-feira da semana passada, bateu à porta da casa do pai, em Beijós, a poucos quilómetros do local onde praticou o crime por que foi condenado. «Aureliano, abre a porta que está aqui um amigo que te quer ver!» — foram as palavras de apresentação de Madeira a seu pai, na altura a dormir.

«Vesti-me, e quando abri a porta logo verifiquei que era o meu Quim» — contou há dias o sr. Madeira ao nosso repórter. «Ah desgraçado, que estragaste a tua vida mais uma vez, disse-lhe eu. Comecei a gritar mas ele mandou-me calar e disse-me que queria dormir em minha casa naquela noite. Trazia quinhentos escudos no bolso, uma navinha pequenita e uma coisa que parecia o toldo de uma tenda ou então um saco-cama».

No dia seguinte, o Quim, que a população de Beijós não via desde os seus desassosados anos, passeou-se com extremo à-vontade pelas ruas da terra. Cumprimentou amigos de infância e rumou a uma terra que o pai traz de renda, na Póvoa da Apegada.

«Fui falar com uma pessoa amiga para me aconselhar, e pouco antes da hora de almoço abalámos para a Póvoa» — lembra o sr. Madeira. «O meu filho tinha muita fominha, coi-

tado. Disse então cá para os meus botões que lhe ia encher a barriga e que depois o entregaria à polícia. Cozinhei um coelho que ele comeu em poucas dentadas».

«Pai, já viu a merda que eu fiz? Estraguei a vida novamente. Quando já estava quase para sair é que me fui meter numa embrulhada destas!» — terá então desabafado Joaquim Madeira.

Amélia, sua madrinha de baptismo, chegou momentos depois. Trazia-lhe algum dinheiro, a soma do pecúlio guardado para tantos pedidos de bençãos em falta, e de seguida fez coro com o pai. Madeira só tinha uma saída: entregar-se à polícia.

«O meu filho a certa altura já concordava com a ideia. Depois de o ter convencido, combinámos que só o entregaria de noite. Eu não conseguia levar o meu Quim para a polícia durante o dia, com toda a gente a ver. É muito difícil entregar um filho e por isso queria fazê-lo como escuro» — lembra o inconsolável pai. «Só que, entretanto, apareceram uns senhores à paisana e o meu Joaquim, assim que os viu, botou-se a fugir. Mas não chegou a andar cem metros, porque um deles mandou um tiro para o ar e o meu filho parou logo. Quando os homens pegaram nele, só me lembro de lhes ter pe-

dido para não lhe batem. Eles disseram-me para ficar descansado, que no Natal ele já cá estaria fora para ver a família. Depois desmaiei. Quando dei conta de mim já o tinham levado».

Nas poucas horas que passaram juntos, Madeira contou ao sr. Aureliano que tinha ido até Vieira de Leiria na companhia do Braga, e que foi bater à porta da casa da irmã Lurdes. Só que esta não o quis receber e disse-lhe que ia avisar a GNR. Entretanto, os dois colegas de fuga já se tinham divertido a dar umas voltas pela praia da Vieira numa mota roubada. Chegaram mesmo a tomar uma banhoca e a dar uns pinotes no areal, sem qualquer preocupação de disfarce.

Segundo o testemunho do sr. Aureliano, o filho trazia consigo uma mísera nota de quinhentos escudos. «Ninguém lhe deu um tostão por ter ajudado na fuga. Podem ter-lhe prometido mas não lhe deram. Ele só trazia quinhentos paus e vinha cheio de fome. Parecia esgoleimado. Ora se tivesse algum dinheiro podia ter comido e bebido e não precisava de se vir meter na toca do lobo, no sítio onde toda a gente o conhece. Ele veio para aqui já desorientado de todo, sem saber o que fazer de vida».

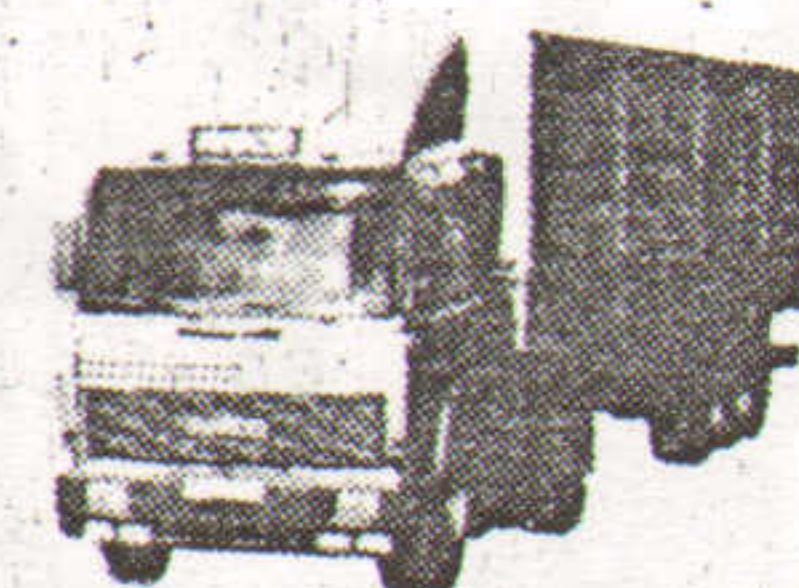
Nas voltas que deu por

Beijós, Madeira não se chegou a cruzar com um colega de outros tempos — o António Cortês. «Se se tivessem encontrado podia ter acontecido o pior» — vaticinam alguns. E isto porque o Cortês era seu companheiro na fatídica noite em que o taxista foi morto à machadada. Na terra há quem diga que o crime é da autoria dos dois, mas que só o Madeira foi castigado. Cortês nega com veemência: «Não fui condenado e muito bem, porque não cometi crime nenhum. Nem sequer estive no julgamento como réu, mas sim como testemunha. Ele convenceu-me a fugirmos com uma mota roubada, e andámos dois dias a passear por Sátão,

Celorico da Beira e outros sítios. Depois faltou-nos a gasolina e resolvemos voltar para casa de táxi. Como não tínhamos dinheiro combinámos fugir sem pagar. Mas, quando dei conta, o Quim já tinha dado com as costas da machada na nuca do homem. Ainda lhe disse para não lhe fazer mais mal, mas ele ameaçou-me de que me faria o mesmo. Depois tirámos o corpo do carro e escondemo-nos ali perto. De manhã o Quim quis voltar ao sítio, e como o homem ainda respirava deu-lhe outra machadada para o matar mesmo, e matou!».

Agora está outra vez atrás das grades.

DINIS ALVES ■



MUDANÇAS

SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA IDEAL DE SANTA ISABEL

LARGO DO MITELO, 17-18
(AO CAMPO SANTANA)

TELEF. 53 26 37 - 315 74 79 - 53 56 14 FAX: 352 51 61